

24 de julho de 2024  
nº4  
ano 3

Tatuí - SP

JORNAL

BULLI

20

FESTIVAL  
ESTUDANTIL  
DE TEATRO  
DO ESTADO  
DE SÃO PAULO

tatuí conservatório  
de música e teatro

FETESP





*NO FRESCOR DA HORA*

**6**

**MARIA E GABRIEL: UM CAMPO SIMBÓLICO DE  
FÉ E ENCARCERAMENTO**

RAFA BREVES

*APRECIAÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS*

**13**

**SEM MASCARAR, QUAL MÚSICA VOCÊ VÊ?**

ANA JULIA DOS SANTOS

**18**

**DESABAFO**

LUCAS ROSÁRIO



CHARGES

24

**CÁRCERE OU PORQUE AS MULHERES VIRAM  
BÚFALOS**

BIANCA DE MELO

25

**É POR ISSO QUE ELAS VIRAM BÚFALOS**

PIETRO ESAGUY PEQUINI

26

**UTOPIA**

TADEU RENATO

27

**DEIXA OS GAROTOS**

GABRIEL BARBOSA CIRILO RIBEIRO

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

28

**O ATO DE MULTIPLICAR**

NATALY REIS

30

**PAINEL ENTRE GRUPOS**

DAVID RODRIGUES DA CONCEIÇÃO



FERMENTAÇÃO NATURAL

33

**A CORAGEM DO COXIXO**

TEATRO SINGULAR APRECIA O ESPETÁCULO IRMÃS CORAGEM,  
DA CIA COXIXO

36

**AS MÁSCARAS HABITAM AS RUAS**

CIA COXIXO APRECIA O ESPETÁCULO ESCUMALHAS URBANAS,  
DO POVO DA MÁSCARA

39

**DOCES REFLEXÕES SOBRE A CENA**

DO PÁTIO AO PALCO APRECIA O ESPETÁCULO LONGE DA VISTA  
CHINESA, DO NÚCLEO ATUARÁ

43

**O FUTURO É HOJE**

NÚCLEO ATUARÁ APRECIA O ESPETÁCULO 3024 – UMA  
ODISSEIA INBOX, DO TEATRO SINGULAR

47

**AFINAL, O QUE PODE UMA CRIATURA, ENTRE  
CRIATURAS, SE NÃO: AMAR?**

POVO DA MÁSCARA APRECIA O ESPETÁCULO TUDO AQUILO QUE  
SEI SOBRE O AMOR, DO GRUPO DO PÁTIO AO PALCO



*AINDA REVERBERA*

**50**

**BRILHA, BRILHA, DUDINHA**

ANA JÚLIA GONÇALVES

*BASTIDORES, POR CAMILA FONTENELE*

**52**

**CÁRCERE OU PORQUE AS MULHERES VIRAM  
BÚFALO**

*EXPEDIENTE*

**55**





# MARIA E GABRIEL: UM CAMPO SIMBÓLICO DE FÉ E ENCARCERAMENTO

POR RAFA BREVES

*apreciação do espetáculo Cárcere ou Porque as Mulheres Viram Búfalos, a partir do painel conduzido por Lígia Helena, Thaís Póvoa – VQV, Adriana Afonso e João Fabbro – Conservatório de Tatuí.*

A primeira vez que ouvi sobre Cárcere ou Porque as Mulheres Viram Búfalos foi em uma aula de Dimensões Jurídicas das Relações Raciais do Brasil, na pós-graduação que acabei de finalizar da USP (Universidade de São Paulo), no curso de Educação, Cultura e Relações Étnico Raciais.

Alguns colegas, moradores da capital, assistiram e me recomendaram, chegando a dizer que “era o melhor espetáculo que já tinham assistido na vida”.

Então, quando soube que a Cia de Teatro de Heliópolis viria para o 29º FETESP, admito que passei a contar os dias... E por isso, resolvi experimentar tudo o que foi possível.

Logo pela manhã fiz a oficina “O Corpo em Cena”, com o ator Walmir Bess. Durante as duas horas de encontro, cada parte da Rafaele foi convidada a pensar e se exercitar. Em meio aos comandos de exercícios, ele foi contando as experiências de seu coletivo e até como o espetáculo que veríamos logo mais foi construído.

Meu coração foi arrebatado quando Walmir contou que muitas das histórias presentes no espetáculo são relatos reais, que foram colhidos a partir do depoimento dos alunos do EJA (Escola de Jovens e Adultos). Isso é oralitura em cena! Salve Leda Maria Martins!

O dia passou e, já no fim da tarde, mas ainda sentindo algumas dores no corpo, como vestígio da experiência oferecida na oficina, tive a oportunidade de acompanhar, brevemente, a preparação dos atores para entrar em cena. Alongamentos, cambalhotas, palmas, luzes e cantigas. Admito que nesse momento já estava impactada com o cenário e com a música que, por ser tão milimetricamente bem feita, parecia trilha sonora gravada.

Depois desse momento, tinha certeza de que veria um ESPETÁCULO! Esse mesmo, com letras maiúsculas. Esse, que no dicionário quer dizer “aquilo que atrai o olhar, a atenção”. E acho que os aplausos

intensos ao final da apresentação comprovaram o que afirmo acima: ESPETÁCULO!

A peça *Cárcere ou Porque as Mulheres Viram Búfalos*, se apresenta como um intenso exercício de teatro crítico e reflexivo, abordando a opressão e a desumanização das mulheres e de seus homens encarcerados.

É um testemunho da capacidade desse tipo de teatro que, além de refletir e questionar as estruturas sociais que perpetuam a desigualdade, também são capazes de construir um campo simbólico, em temporalidades distintas, a partir de registros documentais, dramáticos e épicos.

E são esses componentes que servem à enunciação de um discurso político vigoroso, assim como faz Abdias do Nascimento, em seu livro "O Genocídio do Negro Brasileiro", que descreve a invisibilidade social e o racismo estrutural que permeiam essas diligências, evidenciando que as vítimas das dinâmicas seletivas do sistema judicial brasileiro possuem raça e classe social.

Contudo, o diferencial da narrativa identitária da peça, é que o encarceramento é visto a partir da visão de duas mulheres. Duas Marias desse Brasil, que, assim como milhões de mulheres nesse país, são chefes de família e enfrentam desafios exacerbados pela ausência de seus companheiros, intensificando a vulnerabilidade econômica e social daquelas que já são rasgadas, cotidianamente, pela interseção de seu gênero e raça, desestabilizando assim, mais uma vez, núcleos familiares e comunitários.

Refletindo sobre o que eu assisti hoje no Teatro Pro-cóprio Ferreira, em Tatuí, só pude lembrar do livro

Encarceramento em massa, da Juliana Borges, que por acaso também foi uma das provadoras teóricas para o Cárcere ou Porque as Mulheres Viram Búfalos.

Em sua obra, Juliana elabora que prisão não apenas segrega fisicamente os homens negros, mas também perpetua estigmas e preconceitos que atingem as mulheres negras, vistas como "coniventes" ou "culpadas por associação". Por isso, a solidão dessas mulheres, retratadas tão visceralmente pelas atrizes de Heliópolis, não é apenas uma questão de ausência física dos parceiros, mas uma condição imposta por um sistema que desumaniza e criminaliza corpos que só são reconhecidos pelo Estado quando viram estatística para mais um Relatório de Segurança Pública.

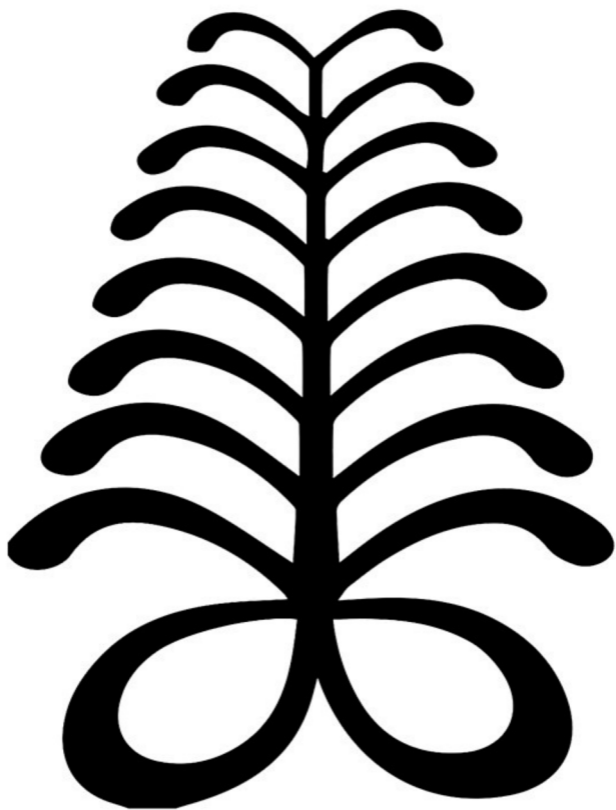
Mas para uma mãe, filho nunca é estatística. Filho é sempre filho. E como não se reconhecer na dor de uma mãe? Na dor de uma Maria?

Vejo “Das Dores” e penso que poderia ser minha mãe, minha tia. Poderia ser meu irmão, meu pai.

Consigo, a partir do texto Dione Carlos, que “cabe na boca do ator” e da encenação de Miguel Rocha, que nos apresenta potencialidade imagética, enxergar a materialidade do adinkra<sup>1</sup> Aya, que com a estilização de uma samambaia, possui o caráter de crescer em lugares adversos, e, portanto, é símbolo de independência, resistência e perseverança.

E que bom que, em mais uma noite de festival, Aya floresceu e repete em alto e bom som: EU NÃO TENHO MEDO DE VOCÊ!

<sup>1</sup> Adinkra são ideogramas da escrita da tradição dos povos do grupo linguístico acã, da África Ocidental. Em um universo filosófico e estético baseado no corpo humano, figuras de animais, plantas, astros e outros objetos, os desenhos incorporam, preservam e transmitem aspectos da história, filosofia, valores e normas socioculturais dessa rica cultura africana. (Livro “Adinkra – Sabedoria em Símbolos Africanos”). 9



FOTOGRAFIA POR JOÃO MARIA



FOTOGRAFIAS POR JOÃO MARIA





# SEM MASCARAR, QUAL MÚSICA VOCÊ VÊ?

**POR ANA JÚLIA GONÇALVES**

*bolsista estagiária de apreciação crítica para o espetáculo Escumalhas Urbanas.*

**T**oda vez que meu pai tocava na orquestra, eu já sabia que a noite seria longa. Às vezes parecia que tinha formiga na cadeira e minha perna coçava. Eu não conseguia parar quieta! Até que a Taisinha me disse que assistia tudo de olho fechado, porque imaginava uma bailarina que dançava ó” um

ao som da música clássica. Confesso que os rastros desse corpo dançante me seguem até hoje e assim me reconciliei com vários músicos, inclusive fiz mais amigos dos mais diferentes estilos. Na cantina do Conservatório, Adoniram me disse que ainda sentia saudade da sua maloca querida. Ela era toda colorida, pequena, porém muito aconchegante. Tinha as cores magenta, roxo, azul escuro e suas variações dos tons mais quentes aos mais frios. As mesmas cores das roupas de seus moradores. Esse barracão tinha um girassol nas suas pontas, junção dos panos, trapos que o formavam; ao seu lado, uma pilha de caixas de papelão. Esse era o cenário de Escumalhas Urbanas com o Povo da Máscara, da Escola Livre de Teatro de Santo André no 29º FETESP. O Maestro que aponta a direção está à postos, que comece a regência. Talvez não tão já. Alguém já dançou sem música?

A trilha sonora se estendia pelo espetáculo inteiro, cada tensionamento, personagem ou transição tinha sua própria musicalidade, a ponto de que me fizesse questionar: cadê o silêncio do amanhecer da rua? Até me permiti criar possibilidades: e se tivesse somente o som do próprio vento batendo nas folhas ou das pulseiras de pratas da Vendedora?

Nesse corpo de baile, quando entra em cena o ator-bailarino que faz o Menino da Galinha, para se posicionar dentro da grande caixa de papelão, tem rosto, nome e vibra seus desejos. Após colocar a máscara e sair de dentro da caixa, o personagem tem somente uma galinha que não botou nenhum ovo, cueca suja de dias e fome. Quem é você, menino? Ah, “é só” um menino da rua. “Mais um” no meio da rua. “Mais um” gari no meio da rua. Ele não limpa, ele dança varrendo o Salão “Cruzamento Santo André” dentro da bolha musical. Fora da bolha social. Uma escumalha

melódica. O ritmo? Dançante o suficiente para ser sambado com o estandarte-vassoura. Me permitiria, Fagundes do elenco, roubar suas palavras e dizer que a música chegou “depôs” e compôs? Lê-se assim para sua melhor sonoridade, mascarados.

Acima de tudo, música e poesia caminham juntas, a ação poética do gari em entregar uma flor ao aluno da APAE, local da apresentação, foi composta por uma puxada de ar do garoto surpreso, uma risada e muitas onomatopeias de felicidade que indicavam o presente em suas mãos. Ao mesmo tempo me questionei: será que sem esses elementos sonoros a conexão e a atenção do público para a cena seria a mesma? A escolha de toques simples e instrumentais me levou a dois lugares: ao cotidiano e ao sonho. Vou furar minha narrativa aqui para mencionar que o elenco também foi bem generoso com o público, com abraços e paciência para responder as dúvidas ao longo do processo. Até deixaram nós escolhermos os nomes das máscaras: a vendedora ganhou o nome de Tereza.

Para a Benzedeira estender roupas, o braço realizava movimentos de uma bailarina em uma barra de balé para colocar o prendedor no varal num contratempo frenético. Aquele ritmo corrido, automático da gente, que muitas vezes nem olha no olho de quem passa na rua, sabe? Acho que não! Você tá de máscara, não, tá? Assim não dá para você enxergar e te enxergar direito! Ou vai me dizer que anda por aí com a cara à mostra, exibindo todas as suas verdades? Então, o que você deixa de canto?

Me pergunto até hoje por qual canto do meu imaginário a bailarina da minha infância se esconde. Eu também gosto de perguntar coisas que inclusive já

sei a minha resposta. A verdade é que muitas vezes eu acho que sei e não sei. Ou simplesmente só quero ouvir a resposta do outro, que nunca será igual à minha. Por exemplo: porque fazer um teatro de máscaras? Não sei se vocês vão me escrever de volta, imagina que potente seria o povo mascarado falar aqui de suas inquietações que reverberam nesse modo de fazer teatro.

FOTOGRAFIAS POR JOÃO MARIA





# DESABAFO



**POR LUCAS ROSÁRIO**

*bolsista estagiário de apreciação crítica  
para o espetáculo Cárcere ou Porque as  
Mulheres viram Búfalos.*

**E**u falei do fantasmagórico navio negreiro no meu último texto, e agora inicio com ele não por vontade, mas pela imposição do objeto trazido na peça *Cárcere ou Porque as Mulheres Viram Búfalos*, da Companhia de Teatro de Heliópolis, com direção de Miguel Rocha e texto de Dione Carlos.

Esse navio é fantasma no sentido de suas vítimas estarem rondando essa nação, como que em busca de reparação, nos alertando, sem fadiga, que as chagas desses 400 anos de tráfico humano continuam expostas, numa sangria. É sabido: somos a nação com mais pessoas negras, fora do continente africano, em todo o planeta. Não é por acaso. No continente americano, o Brasil foi o país que importou mais pessoas africanas. Entre os séculos XVI e meados do XIX, vieram cerca de 4 milhões de homens, mulheres e crianças, o equivalente a mais de um terço de todo comércio negreiro. Aí a multiplicidade de culturas, costumes e religiões trazidas com esses 4 milhões, além dos povos originários que aqui já estavam, dos colonizadores e a imigração de europeus.

A peça foca principalmente no povo preto, trazendo elementos ancestrais advindos da dança, cantos e as referências a Exu e Yansã. No bate papo, foi importante a fala do elenco sobre a questão de que a Companhia não traz as religiões de matriz africana, mas a ancestralidade dos povos que aqui foram escravizados, uma vez que o que acontece no terreiro é impossível teatralizar; poderiam apenas fazer referências. É uma atitude consciente e assertiva. Assim, no início há um coro referendando Yansã:

**Bando:** (Cantam repetindo as palavras “Oyá” e a saudação “Epahey”) Dizem que a Mãe dos nove tem privilégios. Oito filhos nasceram mudos e um nasceu com voz de animal. (Batem com os pés no solo, as mãos no corpo, recriando o som de tambores) Dizem que ela é capaz de se transformar em búfalo.

Dizem que Ela entrega os chifres do animal nas mãos de suas filhas para que elas batam um chifre contra o outro. Esse é o sinal de que estão em perigo. É quando Ela vem em socorro. Dizem que Ela é capaz de se transformar em borboleta.

É com essa força que as mulheres pretas na peça não abandonam seus filhos. Se a prole estiver em algum tipo de dificuldade, elas irão ao inferno se for preciso. Que batam os chifres. É assim que o menino Gabriel será protegido com todos os conchavos possíveis. A primeira pergunta: “como meu filho está?” Aí, minha amiga, não importa qual instância for: Poder público? Poder paralelo? Religioso? Dana-se. Essa mãe preta fará o possível ou impossível. Dante, essa mulher também descera ao inferno. Ela é porreta. Mas ela é também humana. Essa mulher chora, chora sem poder chorar, engole o choro seco. Seu filho enjaulado simplesmente pelo estereótipo, pela cor.

Com 715,6 mil presos, o Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo, de acordo com dados do Centro Internacional de Estudos Prisionais (ICPS, na sigla em inglês), do *King's College*, de Londres, na Inglaterra. Os Estados Unidos lideram a lista com 2,2 milhões, seguidos pela China, com 1,7 milhão. O que isso quer dizer? Como nos mostra o documentário na Netflix, *A 13ª Emenda*, a prisão nos EUA é uma extensão do escravagismo. Assim também é no Brasil. É do fantasmagórico navio negreiro para o cárcere. Vamos ao Jornal da USP online:

Segundo o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), o sistema carcerário brasileiro apresentava cerca de 900 mil presos

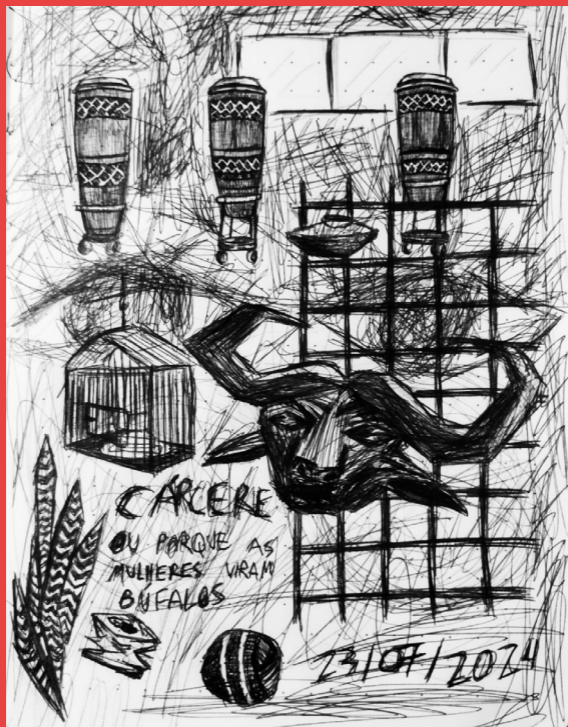
até o terceiro semestre de 2022. Desses, 44,5% são presos provisórios, ou seja, estão encarcerados sem a devida ocorrência de um julgamento. Apesar da quantidade de detentos, o Brasil, até junho de 2019, contava com apenas 460 mil vagas, dado que revela um cenário marcante do sistema prisional nacional: a superlotação.

Corpos enfileirados no navio negreiro, corpos enfileirados no chão da cela. Castro Alves (1847-1871), o que você escreveria sobre? Olha a ratazana. Me lembrei de Plínio Marcos (1935-1999), considerado o primeiro dramaturgo que trouxe as pessoas marginalizadas para o teatro brasileiro. Sua peça de estreia foi *Barrela*, escrita em 1958, baseada em fatos reais ocorridos numa prisão da cidade de Santos. Plínio disse que enquanto o Brasil não mudar, suas peças ainda seriam atuais. Ele estava certo. Em *Barrela*, há também monólogos que falam da situação dos presos por eles mesmos, como em *Cárcere* ou *Porque as Mulheres Viram Búfalos*. Mas a Companhia de Teatro de Heliópolis traz a mulher preta como carro chefe, e isso muda tudo. A mulher preta mãe. No momento em que há a narração de um preso sobre o pai que perdeu as digitais no dedo por trabalhar na construção civil, lembrei da minha mãe, que deu duro no café, deu duro na fábrica de bolacha, deu duro em uma cozinha industrial que, nunca me esqueço, ela lavava tanta louça que “meus dedos pareciam de borracha”. Eu nem sei quem é meu pai. Se tomei outros rumos, foi mais por sorte. Eu também já flertei com o submundo do crime, senhoras e senhores, mas sendo minha mãe, como a de Gabriel, uma búfala incomensurável, obtive o livramento.

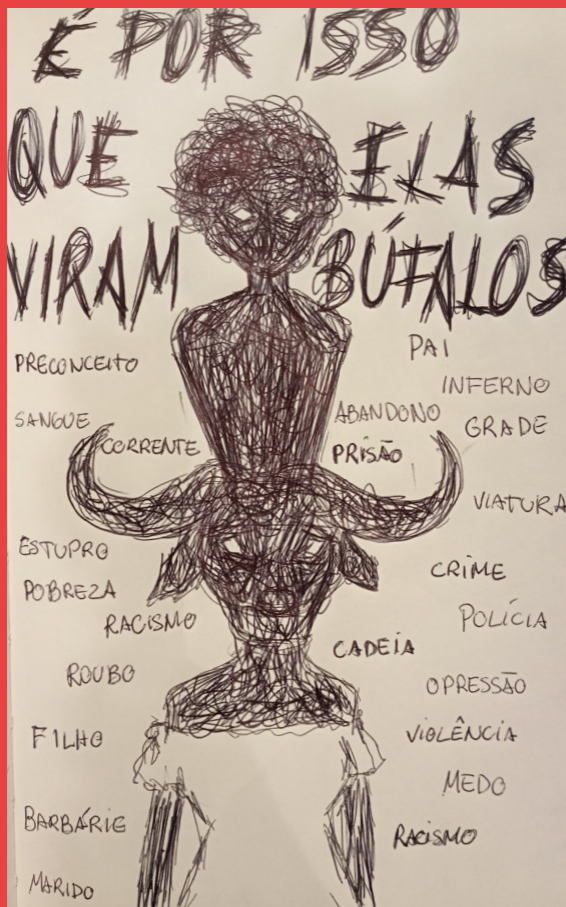
Luciano Mendes, que estava na plateia, foi mencionado hoje pelo elenco, quando disseram de trazerem o rito, o cuidado com as músicas de trabalho norte americanas, experiência que a Companhia viveu com Mendes, cantando essas músicas. Eu tive uma aula com Luciano na Escola de Arte Dramática da USP, a EAD, e é assim mesmo. Ele disse: “tenha consciência de que, às vezes, estamos cantando aqui uma música que tem 200, 300 anos, não dá para apreender isso em dez minutos”. Fui aluno do Conservatório de Tatuí entre 2011 e 2013, participei de alguns festivais há onze anos, e a mudança qualitativa do FETESP é evidente desde então. E não estou querendo puxar saco de ninguém. Não preciso disso. Apenas um elogio à nova coordenação que captou o Zeitgeist: queremos pluralizar as vozes, e para isso é preciso, antes de tudo, dar protagonismo ao que é considerado periférico e perifido, mas que, na verdade, é uma das forças motrizes dessa nação: a ancestralidade preta. Entendo que, sem isso, esse festival não se completaria. À Companhia Heliópolis, meu desejo é que tenha uma vida longa, tal como as palmas ao fim do seu espetáculo.



FOTOGRAFIA POR JOÃO MARIA



BIANCA DE MELO



PIETRO ESAGUY PEQUINI



TADEU RENATO



TADEU RENATO



# O ATO DE MULTIPLICAR

POR NATALY REIS

*estudante do 2 ano de artes cênicas no  
Conservatório de Tatuí.*

**U**ma manhã quente, sensação de 30°. Dois ônibus, ambos lotados. No caminho, o centro da cidade foi se distanciando. Após alguns minutos, a paisagem foi tomando outras formas e cores. A terra nas ruas sinalizava que estávamos chegando em uma região mais afastada e menos caótica.

## CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

O som alto das lojas de departamento sumiu e deu espaço ao som das árvores e dos pássaros.

Um frescor, assim, de repente.

Chegamos à portaria de um condomínio de casas. Descemos do ônibus e andamos por mais uns 10 minutos. Nesse caminho, me pergunto: “Será que cabe todo mundo?”

Chegamos à porta, fizemos uma roda na parte de fora e fomos avisados: “O espaço é pequeno, mas vai dar certo.” Entramos e encontramos outro grupo que já estava lá, na sala de ensaio.

Bora lá! Um vem mais pra cá, você vai mais para o lado, você entra na roda... mudança aqui, mudança ali! E num piscar de olhos, o espaço parecia ter dobrado de tamanho. A recepção calorosa e contagiante da Nossa Trupe saudou o espaço, que se multiplicou. No centro da roda, objetos dos mais variados. Algumas pessoas são chamadas para o jogo e se entregam nesse espaço que lhes é confortável; sala preta e piso emborrachado.

Uau! O condomínio sossegado escondia a paixão, a criatividade, o desbravamento da arte, do corpo, da voz e do movimento. Olhos brilhando, sorriso solto e corpos atentos para qualquer atividade. Momento de troca, descoberta, reflexão, conselhos e desabafos.

O lugar parece não ter expandido só de tamanho, mas de paixão e acolhimento também. E assim, num piscar de olhos, o horário já nos chamava para voltar. Saudosa e iluminada manhã! Seu Bonanza, até sexta!



# PAINEL ENTRE GRUPOS



**POR DAVID RODRIGUES DA CONCEIÇÃO**  
*estudante da escola Nair Guilhermina  
Pinheiro Nogueira, de Ribeirão Preto.*

**D**urante o 4º dia do 29º FETESP, foi realizado o Painel de Intercâmbio entre os grupos, um encontro para a ampliação das apresentações e um desdobramento das conversas sobre os espetáculos. Em uma das salas do Conservatório de Tatuí, reuniram-se os grupos: Atuará escola de teatro, Escola Livre de Teatro de Santo André, E.E Nair

Guilhermina Pinheiro Nogueira, Colégio Singular de Santo André e Escola Superior de Artes Célia Helena, respectivamente apresentando: *Longe da Vista Chinesa*, *Escumalhas Urbanas*, *Do Pátio ao Palco: Tudo aquilo que sei sobre o amor*, *Uma Odisseia Inbox* e *Irmãs Coragem*.

Neste encontro o tempo foi crucial. Assim, foi feita uma roda com todos os grupos; um grupo é escolhido para perguntar e outro para responder, deixando 5 minutos para o grupo que pergunta, 10 minutos para o restante da roda e 5 minutos ao grupo que responderá essas perguntas. Durante essa requintada conversa, tivemos diversos vai-e-vem em conjunto com um aproveitamento imenso. Enquanto os atores e atrizes são elogiados pelos seus respectivos espetáculos e dúvidas são esclarecidas de maneira formal ou informal, com direitos a diversas palavras, desde “pra caralho” até “foi espetacular”, assim como “humanização das máquinas”, “pesquisas de máscaras”, “brilhante”. Outro ponto bastante importante na conversa, foi quando abordamos as questões sociais discutidas nas peças apresentadas; esse ponto trouxe profundidade para discussão. Ao final, escrevemos e encaminhamos para o Jornal BULI. Esse foi um resumo. Achei gratificante esse encontro.





# A CORAGEM DO COXIXO

POR TEATRO SINGULAR

*apreciação do espetáculo Irmãs Coragem,  
da Cia Coxixo*

*(Após a apresentação de Irmãs Coragem, da Cia Coxixo, na unidade Chiquinha Gonzaga, do Conservatório de Música e Teatro de Tatuí, estudantes do Teatro Singular - mais especificamente as Singu Ladies -, conversam sobre o que acabaram de ver.*

*Alguém olha no jornal com a programação do Festival e confirma que Irmãs Coragem foi criada e apresentada por estudantes da Escola Superior de Artes Célia Helena, da cidade de São Paulo).*

*(Em outro plano, vemos a Cia Coxixo falando sobre o espetáculo. Composto por artistas negres, o grupo comenta que a maioria das pessoas do coletivo é bolsista, oriunda de projetos sociais. O coro do Teatro Singular diz que essas origens se fazem visíveis na peça e que agregam uma grande bagagem emocional e histórica. Irmãs Coragem se passa em um bairro nobre do Brasil e, entendendo que tanto o elenco quanto as Singu Ladies são da capital ou da região metropolitana de São Paulo, o grupo do Teatro Singular imagina que o enredo do que viram se passa em bairros ricos da capital paulistana. Uma conversa cheia de frases atravessadas toma conta do grupo que assistiu):*

**P1:** Eu vi camisetas, caixas, Bíblia, tênis amarrados e sacos de lixo. Vemos isqueiro, brilhante e luz vermelha.

**P2:** A marginalização social é uma situação recorrente na realidade brasileira, que invisibiliza várias pessoas, apaga suas histórias, suas vidas, seus sonhos e suas dignidades. A peça faz uma retratação forte e emocionante dessa realidade, como um tapa na cara. Ela esboça o que é ignorado, ela nos joga a responsabilidade e o pensamento sobre o que fazemos a respeito, juntamente trazendo a esperança para aqueles que precisam dela, mesmo que não saibam.

**P3:** A Cia do Coxixo traz uma ideia que, infelizmente

## FERMENTAÇÃO NATURAL

se tornou cotidiana e invisibilizada. E a puxa para um espaço de luz, um espaço visível.

**P4:** Me encantei pelos efeitos sonoros/sonoplastia dos membros, principalmente do integrante José. Achei simplesmente cativante. Não apenas os sons, mas a sensibilidade com os instrumentos.

**P5:** Sobre o som, o bom uso do trabalho de coro é bem evidente. E a música, o canto e a percussão, dão mais vida aos elementos mostrados.

(TEMPO)

**P1:** Acho interessante um dos integrantes, o Junior, ter idealizado a peça no início e, juntos, terem desenvolvido para transformar no espetáculo atual

**P2:** Eu fico me perguntando... como os atores não-negros do elenco se sentem ao interpretar uma peça que trata de temas como o combate ao extermínio da população negra e a igualdade de classes sociais? Como essas pessoas podem contribuir para transmitir a mensagem da peça?

**P3:** O A, de anarquismo, em “A favela não venceu”, é um símbolo de como a peça é política e não tem medo de soar “panfletária”.

**P4:** Entre tantas peças que falam de futuro, conclusões e distopias, a peça traz um final - “por que vocês decidiram deixar o final feliz no final?” - que, longe de trazer utopia, nos traz uma possibilidade otimista e realista. Esperançar, vocês disseram.

(A palavra “esperançar” fica ecoando no espaço).



# AS MÁSCARAS HABITAM AS RUAS

**POR CIA COXIXO**

*apreciação do espetáculo Escumalhas  
Urbanas, do Povo da Máscara*

**N**uma manhã quente, em uma praça localizada ao final da Feira Livre do Largo do Mercado, o grupo O povo da Máscara, advindo da cidade de Santo André, através do núcleo de pesquisa de máscaras pela Escola Livre de Teatro, dirigido por Cuca Bolaffi e elenco: Ana Fariña, Fagundes Emanuel, Flavia Martinek, Gustavo Baricocchi, Lucas

Laurenno, Maurício Caetano e Maria Sutton revelaram formas encantadas do seu processo de criação *Escumalhas Urbanas*.

No meio da praça, no sol de domingo, as figuras da peça se misturam à multidão, o espaço cênico é instaurado pela corporalidade mimética do cotidiano, o texto se torna corpo e a comicidade física é o idioma principal.

Em um costume teatral onde a verborragia é, muitas vezes, o ponto principal de chamamento do público, a rua desvela-se como palco ao passo que as figuras surgem não competindo com a rua, mas coexistindo com a mesma.

Ao lado do coqueiro, um menino tomava banho, outro pegava latinhas e uma figura mandingueira lavava roupas. Aos poucos, um bando surgia transpondo o cotidiano com fisicalidades, como as de um velho aposentado, uma vendedora, uma marmiteira fotógrafa e um gari dançarino. Todos se davam, evidentemente, por arquétipos ligados à objetos, o ordinário é lançado ao público e aos transeuntes que habitam a rua. Rua que é elevada à sua última instância, estando onde há povo, onde não há palco, onde a persona age e onde o texto não está posto.

As expressões transpostas em matéria fundem sua poética com a vida real da feira, os transeuntes contemplam as interações daquele bando e a feirante olha para uma das figuras enquanto cuida das suas verduras; uma senhora atravessa ao lado da benzedeira com uma caixa colorida; dois senhores, sentados no banco da praça, interagem com o arquétipo do velho aposentado e fortalecem a narrativa daquela existência.

## *FERMENTAÇÃO NATURAL*

As máscaras despertaram o desejo profundo de transcender uma face do mundo que, às vezes, parece muito inóspito e indiferente. Sente-se uma nostalgia provocada pelos corriqueiros gestos do cotidiano das vidas que habitam as margens da normatividade. A sensação é como uma foto, tirada na peça por um personagem, e a memória se junta ao que já foi vivido e é comum na lembrança, Não apenas oculta, mas revela verdades essenciais nos sonhos coletivos da nossa humanidade.



# DOCES REFLEXÕES SOBRE A CENA



## POR DO PÁTIO AO PALCO

*apreciação do espetáculo Longe da vista chinesa, do Núcleo Atuará*

23 de julho, de 2024

Querido (futuro) leitor ,

Hoje nós, do grupo Do pátio ao Palco, vinculado à Escola Estadual Nair Guilhermina Pinheiro Nogueira, tivemos a oportunidade de conversarmos com o Núcleo Atuará sobre o trabalho *Longe da vista chinesa*, da cidade de Jundiaí.

## FERMENTAÇÃO NATURAL

Nesta conversa nos aprofundamos sobre o tema da peça, que foi apresentada no último sábado, no Centro Cultural de Tatuí. Nosso grupo obteve respostas excelentes e complexas. O Núcleo Atuará, como um todo, é extremamente lindo, doce como um copo de suco de melancia (!).

No painel entre grupos, mediado por Lígia Helena e Thaís Póvoa, conseguimos ir além do que apreciamos no dia da apresentação. O que chamou a nossa atenção é que *Longe da vista chinesa* traz para a cena uma escola que está no alto de um monte aterrorizante e que, assim como eles dizem, é um grande "inferno". Trata-se de um espetáculo em que há ação, suspenses, terror e drama. Percebemos que nós somos submetidos a sermos vítimas de violência em nossas escolas públicas.

Podemos relacionar a peça com os acontecimentos de ameaças de massacres em escolas que aconteceram no ano passado, uma vez que ela retrata a violência que vivemos e o medo que temos em relação a isso: isso não é algo normal, não deveríamos ir para escola com medo de morrer, sendo vítimas da violência.

O enredo levanta uma boa crítica social, já que em escolas públicas (assim como a nossa), podemos estar mais desprotegidos das violências anunciadas pela peça. Como o ambiente escolar é muito presente na vida do adolescente, é importante ver o Núcleo Atuará apresentar diversos tipos de violência que se vive nesse espaço, como o bullying, por exemplo. O personagem Rico sofre bullying devido acusações de assassinato que lhe fazem durante o trama e que, ao fim, somos surpreendidos de não ser ele o assassino.

## *FERMENTAÇÃO NATURAL*

Vale ressaltar que o grupo aborda o tema de maneira muito responsável, e talvez não sejamos nós que tenhamos que achar uma solução para este problema – a violência na escola –, mas é importante que o anunciemos. E para além da violência, o grupo nos entrega amor pelo teatro, poéticas corporais e muito mistério.





# O FUTURO É HOJE

POR NÚCLEO ATUARÁ

*apreciação do espetáculo 3024 – Uma Odisseia Inbox, do Teatro Singular*

**C**omo descrever o futuro? O grupo Teatro Singular, da cidade de Santo André, dono de um currículo repleto de apresentações e premiações por parte dos alunos em 35 anos de história, apresenta agora 3024 – Uma Odisseia Inbox, que se mostra como determinada a refletir, por meio da

sátira, um futuro dominado pelo uso das tecnologias. A peça dialoga, usando de diversos recortes temporais e aspectos da tecnologia moderna e futurista, com esse futuro possível e distópico, de maneira bem-humorada e bebendo das fontes de elementos clássicos da ficção científica, de experiências e ideias pessoais do elenco, e de situações intrigantes que a tecnologia nos proporciona no dia a dia, exageradas de maneira a construir o humor da peça.

Primeiramente, a peça apresenta uma coesão impecável dos elementos mais diversos. Todos os elementos dialogam de maneira magistral, desde os recursos visuais (como a iluminação, figurino e maquiagem, que imediatamente nos remetem ao universo futurista pretendido), até o cenário, que, por mais simples parecesse, sem elementos que o compusessem e tomassem o palco de maneira expansiva, casou de maneira orgânica com a peça, garantindo agilidade e flexibilidade nas transições de cenas e momentos. Isso tudo se arquiteta de maneira muito sólida com o conceito da peça, de trabalhar com o humor ácido as problemáticas do avanço descontrolado da tecnologia sobre as relações interpessoais na nossa sociedade. Partindo-se desse pressuposto, é observável uma enorme afinidade entre a peça, elenco e seu principal público-alvo, que se veem bastante afetados por essa tecnologia à medida em que ela molda essas relações a partir do crescimento e do desenvolvimento do indivíduo em sociedade.

O público é transportado para esse universo distópico, que nos aproxima pela comicidade, pelos objetos e situações satirizadas, bem como pela ironia presente nas relações humanas e divinas. Há algo

de metalinguagem em vermos e ouvirmos robôs sendo usados para falar dos próprios robôs, a IA sendo ferramenta da crítica à IA e a tecnologia sendo veículo do discurso que motiva o público a pensar os usos da própria tecnologia. Além disso, os elementos simples de palco, como as vassouras e o cabide que aparecem em cena o tempo todo, estabelecem a relação da tecnologia com o trabalhador humano, tema que se mostra de maneira recorrente durante a peça, e emendam isso na construção da linha cada vez mais tênue entre o humano e o robô durante a passagem do tempo marcada de forma precisa durante o espetáculo.

A fim de que o coletivo aprimore o espetáculo cada vez mais, algumas observações podem ser alvo de reflexão do grupo: trabalhar mais a voz e a articulação dos atores e atrizes, pois em um ambiente grande como o teatro Procópio Ferreira, cadeiras mais afastadas do palco tinham dificuldade de absorver com clareza os dizeres das personagens; pensar sobre como a dualidade entre humano e máquina pode ser lapidada, a fim de enfatizar as nuances dessas relações; trabalhar a porosidade do/da artista em cena, para que os corpos e vozes reajam de maneira mais orgânica aos acontecimentos em palco e, atrelado a isso, o trabalho do estado de concentração em cena, para que não haja a quebra do personagem (por exemplo, por conta do riso das atrizes); ponderar a melhor inclusão do espectador em cena, tendo em vista que houve essa proposta em momentos do espetáculo, a exemplo do carimbo “chip” do começo e o áudio de “Deus Ex-Machina” brincando com o público.

Dados os argumentos anteriormente apresentados, a peça traz inúmeros pontos positivos, uma vez que

dialoga bem com o seu público-alvo e mostra conhecimento de técnicas teatrais. Destaca-se, também, o dinamismo entre as cenas que costuram histórias diferentes que orbitam sobre o tema. Sua finalização é extraordinária, contando com uma cena impactante que se utiliza de recursos tecnológicos, comunicando-se com o tema geral da peça. Podemos dizer que é inegável que o Teatro Singular tem em suas mãos um espetáculo com muito a dizer e a oferecer para o público.



# **AFINAL, O QUE PODE UMA CRIATURA, ENTRE CRIATURAS, SE NÃO: AMAR?**

**POR POVO DA MÁSCARA**

*apreciação do espetáculo Tudo aquilo que sei sobre o amor, do grupo Do pátio ao Palco*

“Que bom que a gente tá escrevendo sobre essa peça”, disse Marina Sutton, atriz do Povo da Máscara, enquanto nós começávamos a escrever esse texto. Que bom! Afinal, é um presente a sinceridade e generosidade do espetáculo Tudo aquilo que sei sobre o amor, apresentado na tarde de domingo de

21 de julho de 2024, no 29o FETESP, pelo grupo Do pátio ao Palco da E.E. Nair Guilhermina Pereira Nogueira (Nairzinha), de Ribeirão Preto.

O amor são 13 adolescentes do Fundamental II, nos contando o que elas sabem. Nos olhando nos olhos, nos oferecendo desenhos, energéticos, fé e melancia, revelando o prisma das possibilidades do amor. Seus corpos e narrativas negras em cena, representadas de forma viva e voraz, nos contam, comem, dançam, respiram, choram, varrem, cantam e agem. Entre frases como "Eu tinha certeza do que era o amor, no quinto ano", compartilham com a gente lamentos, confissões, relatos, (alguns autorais, outros trechos de diversas dramaturgias).

O minimalismo do cenário e dos objetos, junto ao vai e vem das atrizes, entrando e saindo de cena, evocam a materialidade do interior de um coração. Um híbrido do escuro de suas paredes musculares e um espaço recluso, com poucos elementos, onde as angústias e afetos tomam corpo e voz. No pulsar deste órgão, responsável por repercutir nossos sentimentos físicos, gera-se a vida para todo o corpo humano e (por que não?) também para os nossos sonhos.

Se o amor é algo universal, talvez ainda precisemos pensar no direito e no privilégio de seu acesso. Esta peça é um acontecimento coletivo e nos desafia a compartilhar nossas coisas mais particulares e a descobrir o que tem de universal em cada uma delas. Amar a avó e ter medo de não poder dizer adeus... No teatro, quem pode amar, discutido em uma dimensão política e racial, se expande para: quem pode falar de amor? Entre questões raciais, econômicas e de território, o grupo nos revela outra

questão: pessoas tão jovens já têm toda essa experiência para falar de amor? Por que nos chocamos com a forma tão crua que encaram a realidade?

Em *Tudo Aquilo Que Eu Sei Sobre o Amor*, as atrizes nos lembram que esse sentimento causa uma melequeira, que ora enche a boca, e ora é pegajosa e indesejada. Assim, agradecemos ao elenco, em sua juventude, pela sinceridade e generosidade de compartilhar suas inquietações deste momento de descobertas do mundo. Sim! O amor e o teatro são universais! E somos gratos pela latência e potência de poder acreditar nisso. Hoje e amanhã, desejamos ao grupo e a você, leitora, que adultos emocionados, talvez calejados e despedaçados, possam encontrar amores e que esse olhar para o mundo reverbere em suas vidas.



# BRILHA, BRILHA, DUDINHA

POR ANA JÚLIA GONÇALVES

*bolsista estagiária de apreciação crítica.*

Brilha, brilha, estrelinha, o brilhante que tu me deu foi do tênis que ele vendeu.

Brilha, brilha, estrelinha, faça um pedido, Dudinha, mas não conte a ninguém!

Não chore, o amanhã já vem!

Vou te contar um segredo: você aprenderá a ler,

estrelinha!

Entre bell hooks, instrução de geladeira e até uma Ladainha.

Brilha, brilha, Dudinha!

Me explica, estrelinha, como é ser uma garota cidadã?

Brilha, brilha, estrelinha, o brilhante que tu se deu foi o anel mais lindo que Jorge vendeu.

Dudinha me falou que é preciso ter coragem.

Coragem para continuar a sonhar.

Coragem para continuar a brilhar.

Dudinha, sabia que eu sonhei com uma sanfona e a gente só queria dançar, dançar, dançar?

Estrelinha, esses dias Dudinha e eu falamos que nosso sonho era de alguém gostar.

Dudinha, vamos na esquina fazer fofoca, falar que o Pedro é um idiota!

Estrelinha, por favor, você que entende mais das palavras que eu, me ajuda a descobrir o que é “Reverberar?”



# **BASTIDORES**

**POR CAMILA FONTENELE**





# EXPEDIENTE

## **Coordenador editorial**

Antonio Salvador

## **Produção editorial**

João Fabbro

## **Coordenadora de comunicação**

Luiza Lorenzetti

## **Arte design**

Lívia da Silva

## **Assistente Arte design**

Luiza Devasa

## **Revisão de textos**

João Fabbro

Roberto Anzai

Tadeu Renato

## **Colaboradores**

Ana Julia dos Santos

Bianca de Melo

David Rodrigues Conceição

Gabriel Barbosa Cirilo Ribeiro

James Furlaneto Rocha

Lucas Rosário

Nataly Duarte dos Reis Franceschini

Pietro Esaguy Pequini

Rafa Breves

## **Coletivos que integram esta edição**

Cia Coxixo

Do Pátio ao Palco

Núcleo Atuará

Povo da Máscara

Teatro Singular

## **Fotógrafo**

Camila Fontenele

João Maria

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustenidos Organização Social de Cultura.



Lei de  
Incentivo  
à Cultura  
LIn 2006/03

patrocínio

---



parceria

---



apoio

---



PREFEITURA DE TATUÍ

Secretaria de  
ESPORTE, CULTURA,  
TURISMO E LAZER

realização

---

#SUSTENIDOS

tatuí conservatório  
de música e teatro

**CULTSP**

Secretaria da  
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO  
GOVERNO DO ESTADO  
SÃO PAULO SÃO TODOS

MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO